

Reversão e sinergia

José Eli da Veiga

Valor - sexta, 24 de março de 2023, p. A17

Tropeçaram nos mistérios da complexidade todas as pesquisas das humanidades científicas que encararam a proposta de Antropoceno como nova época da história da Terra. De forma explícita, no caso da Ciência da Sustentabilidade, mais acanhada no da Ecologia Política e bem heterogênea no âmbito das disciplinas mais tradicionais.

Ao mesmo tempo, enguiçavam as chamadas “novas ciências da complexidade”, depois de três décadas de notável entusiasmo. Desde 2015, nada de expressivo vem saindo dessa imensa Torre de Babel, o que gera muitas dúvidas sobre a bela profecia de Stephen Hawking segundo a qual a ciência deste século será a da complexidade.

Uma suspeita sobre a razão da enrascada é de que o pensamento darwiniano continue muito mal compreendido, apesar de todo o fuzuê promovido pelos que não hesitaram em se dizer darwinistas. É espantoso, mas acham que a teoria está todinha no livro *A Origem das Espécies*, a primeira grande obra, lançada, às pressas, em 1859.

Porém, é absolutamente indispensável que se faça a conexão com a segunda, só publicada em 1871, e cujo título foi, infelizmente, muito mal traduzido: *The Descent of Man* virou “A Origem do Homem”! Sem combiná-las, não é possível conhecer o cerne das duas revoluções científicas do século XIX: a lógica e a antropológica.

A melhor fonte sobre esta indivisibilidade de fundamentos distanciados por intervalo de quase doze anos está nos escritos do francês Patrick Tort, um historiador das ciências, que permanece bem ofuscado, embora tenha coordenado o trabalho dos 150 especialistas que redigiram o *Dictionnaire du Darwinisme et de l'Évolution*.

Dos muitos livros deste fundador do *Institut Charles Darwin International*, só um foi traduzido: *Darwin e a Ciência da Evolução*. Ao menos, em linda edição, de 2004, na coleção ‘Descobertas’, da editora Objetiva. Seu quinto capítulo, sobre natureza e civilização, é suficiente para que se conjecture sobre o vínculo com a complexidade.

Ao encontrar a origem comum e a evolução conjunta do instinto social, da racionalidade comunitária e dos sentimentos morais, Darwin entrelaçou natureza e cultura, seleção eliminatória e institucionalização da assistência aos fracos, sem romper o fio da continuidade evolutiva.

***O pensamento darwiniano continua mal compreendido,
apesar de todo o fuzuê promovido pelos darwinistas.***

É o que Tort denomina “efeito reversível da evolução”, como chave da antropologia darwiniana: a seleção natural elege a civilização, que contraria a seleção natural. Nada melhor do que a conhecida fita de Möbius para representar tal evolução reversa. Depois de fechada, com torção meia-volta, os opostos se abraçam.

Se as faces inicialmente opostas representarem “natureza” e “civilização”, passam de uma a outra sem qualquer salto. A fita ajuda a perceber como o continuísmo darwiniano é reversível, o que faz com que as humanidades científicas tenham um objeto e um método que as distinguem da biologia, sem que exista ruptura com a natureza biológica da humanidade.

Mas Patrick Tort não é o único pensador proscrito pelos lastimáveis darwinistas. Outro patinho feio é o biólogo estadunidense Peter Corning, curador do *Institute for the Study of Complex Systems* (<https://complexsystems.org/>). Seu pioneiro livro - *The Synergism Hypothesis* - publicado, em 1983, pela McGraw-Hill, foi atropelado pela mais recente, longa e poderosa onda darwinista: a do “gene egoísta”.

Trinta anos depois, tal banimento começou a ser suspenso, o que favoreceu o lançamento, em 2018, de *Synergistic Selection* (World Scientific), com quarta capa cheia de elogios feitos por admiráveis pesquisadores. Ressaltam que a visão de Corning sobre a evolução ilumina o papel da sinergia na aceleração da complexidade.

Para Corning, a sinergia funcional é a causa da cooperação e complexidade dos sistemas vivos, não o contrário. Sua “hipótese sinérgica” é um raciocínio sobre a complexidade emergente, que se aplica tanto à evolução biológica quanto à evolução cultural.

Uma teoria geral, que possa servir às humanidades científicas e às ciências naturais, deverá ser capaz de fornecer uma explicação causal que englobe todas as formas da realidade social, bem como o surgimento de formas de vida. Corning mostra-se convicto de que os seus dois livros citados respondem a tal desafio de generalidade.

O que foi dito acima dá uma ideia do conteúdo do novo livro que arrisco cometer pela Editora 34: *O Antropoceno e as Humanidades*. Longe de supor ser premente a superação do impasse em que se encontram as “novas ciências da complexidade”, é uma aposta na possibilidade de que as ideias de Tort e Corning as ajudem a começar a procurar o esperanto que poderá libertá-las da Torre de Babel que ergueram.

Contando com os promissores resultados de diálogos com colegas empenhados em fazer avançar tais reflexões, o lançamento terá cinco eventos: quatro conversas on-line em abril e maio, precedidas - já na próxima quinta-feira, 30 de março - por palestra híbrida organizada pela Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Biociências da USP: <http://www.iea.usp.br/eventos/complexidade-evolucao>

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: www.zeeli.pro.br